

Que Brasília queremos?

14 ABR 1998

Antônio Carlos de A. Navarro *

A capital da República hoje enfrenta problemas graves. Qualquer pesquisa de opinião pública apontará uma série deles, podendo variar apenas a ordem de importância para determinadas classes sociais, porém, não faltarão críticas à violência, ao desemprego, à educação, à saúde, ao transporte, etc. E, compreendendo todos esses, uma questão maior se levanta e deve ser pensada generalizadamente: que cidade de Brasília se quer, não só para o próximo ano, mas para o ano 2000, daqui a cinco anos, a 10, 20 ou 30 anos?

Esse assunto tem de ser levantado porque 1998 é um ano eleitoral, os brasilienses escolherão, afora o Presidente da

República, os candidatos a, deputados distritais e federais, a senador e a governador da cidade. O

ano será de discursos, de projetos eleitorais e promessas, certamente, de que todos os problemas dos brasilienses irão se acabar.

Hoje, no mundo, os especialistas em cenários e tendências alertam que "o futuro foi ontem, há que se ver desde já o Terceiro Milênio" e que todos devem pensar, ter criatividade, métodos e estratégias de sobrevivência. Focar a realidade com essa visão de futuro é importante para os brasilienses definirem candidatos que pensem grande, sem estar voltados para o passado, aceitando e trazendo idéias de acordo com a velocidade das mudanças dos tempos modernos.

Brasília está com uma população numa faixa de 2 milhões de habitantes e, se forem contados os que vivem ao seu redor, no chamado Entorno, essa população cresce para cerca de 5 milhões de pessoas, como reconhece o governo. É nesse conglomerado que o eleitor deve se lembrar na hora de aprovar projetos, idéias e programas de candidatos aos cargos eletivos.

Pensar nas propostas que respondam à pergunta inicial: que Brasília queremos daqui a um ano, dois, cinco, dez, vinte ou trinta anos? Pensar e aceitar idéias não só de projetos de curta

Os brasilienses têm de cobrar desde já soluções para a falta de emprego de agora e do futuro

duracão, mas àqueles que garantam sobrevivência à cidade, a médio e longo prazos.

Candidatos com projetos tênues, sem consistência, mortos em si mesmos ao término do discurso que os anunciam, devem ser identificados pelos brasilienses que, realisticamente, são responsáveis pela vida presente da cidade e, com certeza, o seu futuro. Brasília cresceu, vai crescer mais ainda e não se pode impedir seu crescimento, porém, tem de ser ordenado. Sem ser assim, investirá no caos que, tristemente, pode ser citado como exemplo: o Rio de Janeiro.

O Rio, indiscutivelmente uma das cidades mais belas do mundo, também foi capital da República e hoje, fruto da falta de planejamento, do ordena-



mento urbano, submete a população a constantes riscos de vida. É um exemplo de que cidadãos, eleitores, deixaram de ser rigorosos com o planejamento do futuro de sua cidade e obtiveram a violência, o desemprego, graves problemas na educação, saúde, transporte, etc.

Brasília - que por ser sede do governo federal já concentra os debates políticos sobre os grandes problemas nacionais - não pode confundir as coisas e trazer para cá também as mazelas que afligem outras cidades brasileiras. Aqui, no dia-a-dia, a solução possível é só para uma urbe de dois milhões de habitantes. Impossível aceitar e deixar concentrar aqui os problemas do resto do país.

Os políticos que se candidatam têm de mostrar aos eleitores brasilienses suas propostas para daqui a um ano, dois, cinco, vinte, etc. Não há tempo a perder. O planejamento é agora. Se o

futuro foi ontem, o Terceiro Milênio é amanhã de manhã.

Os brasilienses têm de cobrar desde já soluções para a falta de emprego de agora e do futuro, da água que poderá faltar daqui a algum tempo. Solução para o crescimento populacional, a moradia, saneamento básico. A cidade deve vir a ser o que já se chama de "pólo estratégico de convergência nacional", compreendendo principalmente um

grande terminal intermodal de distribuição de cargas e um complexo de industrialização e serviços, mas os cidadãos têm de estar atentos para que tudo se faça planejadamente, sem que se inviabilize a qualidade de vida de seus habitantes que ainda é muito boa, mas já começa a mostrar pontos de deterioração. Imagine-se se não forem tomadas providências.

É evidente no mundo de hoje que o Estado, os mercados formais como se conhece há muito, não vêm resolvendo os problemas das cidades. A sociedade, no conjunto de associações de seus cidadãos, é que tem encontrado soluções. Daí a importância de ser exigente na hora de votar, de escolher aqueles que, claro, se preocupem com o Estado e os mercados, mas principalmente, tenham propostas para o cidadão.

Há algum tempo vem sendo discutida a questão de que Brasília deve liderar áreas do centro do país excluídas do desenvolvimento nacional, pro-

Como hoje "choramos" pela decadência urbana do Rio de Janeiro, outros brasileiros chorarão por Brasília

movendo a chamada integração nacional. A proposta é viável, porém, os brasilienses devem estar atentos para a implementação dessas idéias. É uma necessidade obrigatória. Ou então, como hoje "choramos" pela decadência urbana do Rio de Janeiro, outros brasileiros chorarão por Brasília no futuro que, como dizem os estrategistas de cenários e tendências, já começou.

* Presidente do Conselho Diretivo da ABIGRAF - Associação Brasileira da Indústria Gráfica